

# Mercado começa a apostar em novo choque

São Paulo — A política monetária não será totalmente suficiente para o governo manter as taxas de juros aos níveis atuais, o que tornará inevitável um novo congelamento, mesmo que de forma bem mais branda daqueles impostos até aqui. Este é o cenário com que trabalham executivos de bancos múltiplos, que sem o peso das grandes instituições não têm motivos para mitigarem as suas expectativas.

Segundo Aluísio Lizuti, diretor financeiro do Digibanco, o "batismo de fogo" que a atual equipe econômica deve enfrentar é a colocação no mercado, hoje, do primeiro lote das notas do Banco Central (NBC). Para ele, o recrudescimento da inflação medida pelo IGP-M em 3,22% em julho — ou seja, um índice predominantemente atacadista, cujas altas captadas ainda vão para o varejo — deixou o sistema financeiro na retaguarda. E a NBC, novo título público com prazo de 90 dias a um ano, está atrelada a um indexador "que a seu ver deixou de ser confiável", referindo-se à Taxa Referencial (TR) de 10,05% em julho.

O deslocamento da TR da inflação real fará o mercado exigir taxas muito maiores pela compra dos títulos públicos, o que dificultará o enxugamento de liquidez pretendido pelo governo e alavancará os juros — leia-se o preço do dinheiro. Lizuti também teme pela pressão da demanda com a volta dos cruzados novos, cujo baixo nível de liberação induzirá aos consumos, a seu ver, sem que haja oferta suficiente de bens, já que a indústria não está capacitada para um aumento abrupto de produção.

Hiroshi Akabane, diretor vice-presidente do BMC, também trabalha com um cenário de um novo pacto, porque não vê nenhum ins-

trumento em mãos do governo, incluindo o Banco Central, para tentar melhorar o "ambiente" entre os agentes financeiros:

"Não vejo outra saída, a não ser que o Banco Central volte à sua política monetária anterior, de forçar a recessão através de juros bastante elevados, o que seria bastante perigoso na presente situação", entretanto, ele não acredita que o primeiro teste decisivo seja hoje, com o lançamento das NBCs.

Em sua opinião, ao criar na semana passada uma poupança especial (remuneração de 8% ao ano, mais a TR) para os cruzados novos que continuarem depositados, o governo sinalizou com um bom patamar de juros para os bancos privados comprarem o novo título federal. A poupança especial passaria a funcionar como um novo indexador desses títulos, apontando para uma taxa nominal em torno de 25% a 27%.

"Não é o que o mercado gostaria — 37%, taxa nominal negociada entre os bancos —, mas já é um bom alento", comentou Akabane.

## Inflação

O vice-presidente do Banco Caíque, Cesário Coimbra Neto, prevê um crescimento acentuado da inflação nos próximos meses — que deve ultrapassar os 20% até o final do ano — e, como consequência, a aplicação de um novo choque econômico pelo governo, que deverá acontecer no começo de 1992.

Para o executivo do Banco Caíque, que aumentou em 50% seu volume de concessões de crédito direto ao consumidor no mês passado, financiando cerca de Cr\$ 3 bilhões, a indexação informal dos salários e a liberação dos cruzados novos aumentarão a liquidez, do mercado, provocando inevitável crescimento inflacionário.

